

CONSIDERAÇÕES SOBRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: ANALISANDO OS DADOS DO INAF

Vanessa Caroline Mezzari¹

Maria do Carmo Duarte Freitas²

Egon Walter Wildauer³

Guilherme Parreira da Silva⁴

RESUMO:

Conceitua e discute o processo de alfabetização e letramento no Brasil, debatendo os termos utilizados como: analfabetismo, alfabetismo funcional, letramento, nível rudimentar, nível básico, nível pleno e alfabetização. Equipara estas expressões, que possuem conceitos análogos, para compreender o contexto de letramento e alfabetização. Correlaciona o nível de alfabetismo (de acordo com o Indicador de Alfabetismo Funcional - Inaf) com variáveis que sugerem contextos de letramento a fim de identificar quais variáveis exercem maior influência no letramento. Identifica os índices de acordo com o Coeficiente de Correlação Posto-Ordem de Spearman e também com o Coeficiente de Contingência C para verificar a existência de correlação entre as variáveis. Conclui que, mesmo de forma moderada, o nível de alfabetismo do indivíduo está associado à ampliação de situações de convívio social que envolvem a leitura e a escrita, ou seja, ao contexto de letramento. Os resultados apresentados nos coeficientes de Spearman e de Contingência C são significativos, com exceção da variável sexo, apontando que existe associação entre as demais variáveis.

Palavras-chave: Alfabetização; letramento; associação; estatísticas.

ABSTRACT:

Conceptualizes and discuss the process of beginning literacy and literacy in Brazil, debating the terms used like: illiteracy, functional literacy, literacy, rudimentary level, basic level, full level and beginning literacy. Equates these expressions, which have analogous concepts, to understand the context of literacy and beginning literacy. Correlates the level of literacy (according to the Functional Literacy Indicator - Inaf) with variables that suggest literacy contexts to identify which variables most influence on literacy. Identifies the indexes

¹ Mestranda do programa de Pós-Graduação em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação pela UFPR – Universidade Federal do Paraná e bacharel em Administração pela Unioeste – Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

² Professora Doutora Engenheira do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

³ Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

⁴ Graduando de Estatística da Universidade Federal do Paraná - UFPR

according to the Spearman's Rank-Order correlation coefficient and also with the Contingency Coefficient C to verify the correlation between variables. Concludes, that even moderately, the level of literacy of the individual is associated with the expansion of social contact situations that involve reading and writing, in other words, to the context of literacy. The results presented in Spearman's and Contingency C coefficients are significant, with the exception of gender, noting that there is an association between the other variables.

Keywords: Beginning Literacy, literacy; association; statistics.

1 INTRODUÇÃO

Até o final do Século XVIII a escolarização e consequente alfabetização da sociedade não era algo promissor, pois “Houve um tempo em que muitas pessoas influentes viam a alfabetização como um poder muito perigoso para a maioria das classes trabalhadoras”. (COOK-GUMPERZ, 1991, p. 33). Esse paradigma vinculado à alfabetização foi sendo quebrado conforme as mudanças sociais do Século XIX emergiam. “A inversão de posições – da visão de um radicalismo perigoso inerente à aquisição da alfabetização, para a visão oposta de que o perigo social e político estava em ter analfabetos entre a população – começou neste período.” (COOK-GUMPERZ, 1991, p. 40). De acordo com Frago (1993) as vantagens da alfabetização só se concretizaram e tiveram maior atenção do poder público na segunda metade do Século XIX quando as exigências para a produção industrial, comercial e de controle social e político mudaram.

Com a ascensão industrial e a necessidade de mão-de-obra foi preciso transformar os trabalhadores rurais, artesãos e domésticos em operários. “A necessidade de obtenção de uma mão-de-obra capaz de aceitar a nova disciplina de que o trabalho moderno industrial necessitava tornou-se uma nova e essencial motivação para a escolarização e alfabetização.” (COOK-GUMPERZ, 1991, p. 41).

Neste cenário, a alfabetização de qualquer pessoa começou a se difundir pelo mundo. Em países como França e Inglaterra os termos alfabetismo, analfabetismo e letramento surgiram e passaram a ser discutidos muito antes que no Brasil.

Este estudo tem como objetivo analisar e equiparar conceitos adotados: alfabetização, letramento, alfabetismo funcional, analfabetismo, nível

rudimentar, nível pleno, no que tange o processo de alfabetização, seus conceitos e suas relações no Brasil. E também, a partir da base de dados do Inaf analisar o grau de associação entre variáveis com características de situações de letramento e que se pressupõe terem relação com o alfabetismo.

2 DO ANALFABETISMO AO LETRAMENTO

As primeiras estatísticas brasileiras que tratavam da alfabetização elucidavam apenas os índices de analfabetismo, visto que englobava uma parcela significativa da população. Em virtude desse fato o termo analfabetismo se tornou comum e corrente no uso da Língua Portuguesa.

Usualmente utiliza-se o termo analfabetismo para caracterizar pessoas que não se apropriaram da leitura e da escrita. Quando se utiliza seu antônimo alfabetismo, existe uma estranheza aos usuários do português, ainda que a palavra já esteja presente nos dicionários. (Ribeiro, 1997). Essa estranheza se deve a uma herança cultural de milhares de anos onde o saber ler e escrever não era considerado essencial para o convívio social.

Com a evolução dos estudos sobre a alfabetização, verificou-se que o simples codificar e decodificar das palavras não ensejava nas relações sociais do indivíduo, surgindo então, termos como analfabetismo funcional, alfabetismo funcional, letramento, alfabetização plena, entre outros.

COOK-GUMPERZ (1991, p. 17), coloca que “Um problema comum em todos os estudos de alfabetização escolar é que, às vezes, parecem existir tantas definições de alfabetização quantas são as disciplinas envolvidas em seu estudo”.

Dos termos citados acima focalizar-se-á, *a priori*, nos principais: alfabetização e letramento. É preciso, pois, compreender a distinção entre ambos. Alfabetização se reporta ao processo de aprender o sistema escrito, já o letramento envolve as práticas sociais que esses indivíduos estarão envolvidos por meio da leitura e da escrita. (SOARES, 2003); (CARVALHO; MENDONÇA, 2006).

Mesmo que esses conceitos estejam claramente definidos nos países desenvolvidos, como França e Estados Unidos, no Brasil, muitas vezes, eles se

confundem, se mesclam, quando analisados em diversos meios de transmissão da informação: mídia, censos, produção científica. O fato é que a palavra letramento surgiu no Brasil muitos anos depois que em outros países como a Inglaterra e os Estados Unidos. Ele surgiu para diferenciar um termo já bem definido alfabetização. (Soares, 2003). Essa diferenciação pode ser observada na Tabela 01.

Tabela 01: Letramento pelo mundo

País	Palavra	Surgimento
Inglaterra/EUA	Literacy	Final do Séc. XIX
Brasil	Letramento	Meados de 1980
Portugal	Literacia	Meados de 1980

Fonte: adaptado de Soares, 2003.

O conceito alfabetização vem sofrendo alterações com o passar do tempo. O termo alfabetizado era relacionado, em 1958 pela UNESCO, a uma pessoa que soubesse ler ou escrever um enunciado simples. Depois de duas décadas criou o alfabeto funcional: uma pessoa capaz de utilizar-se da leitura e da escrita na sua vivência social (RIBEIRO, 2002). Assim, alfabetizado é aquele que se apropriou da leitura e escrita (visto que ambas se completam e complementam), ou seja, se apropriou do processo alfabetização.

Logo, se o alfabetismo funcional é entendido dessa forma, então o analfabetismo funcional é a “incapacidade de fazer uso efetivo da leitura e da escrita nas diferentes esferas da vida social” (RIBEIRO, 2002, p. 52). O analfabeto funcional pode até conseguir codificar e decodificar as palavras em algum nível, porém não consegue fazer uso da alfabetização que já se apropriou no seu convívio social.

Alfabetização e letramento são processos que devem ser desenvolvidos de forma concomitante visto que são simultâneos, indissociáveis e interdependentes (SOARES, 2004). É possível, visualizar pela figura 01 o processo de desenvolvimento de cada indivíduo do analfabetismo ao letramento. Não se pode admitir que cada etapa é isolada levando-se em consideração a nomenclatura utilizada, é preciso transcender ao fato de que ambos os conceitos (letramento e alfabetização) estão agregados em cada etapa do processo. (SOARES, 2004). Val (2006, p. 19) corrobora afirmando que “[...] os dois processos são complementares, e não alternativos [...]”.

Explicando: não se trata de escolher entre alfabetizar ou letrar, trata-se de alfabetizar letrando”.

Figura 01: A construção do processo de alfabetização e letramento (simultâneos/indissociáveis/interdependentes)



Fonte: Adaptado de Sores (2004) e Ribeiro (2002).

Sendo a aprendizagem dinâmica e perene, o processo de alfabetização e letramento não tem fim. O processo de alfabetização e letramento é infundável, pois o aprendizado é dinâmico e perene. “Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento”. (FREIRE, 1996, p. 50).

Gasque (2012, p.31) sintetiza de forma singular os conceitos de alfabetização e letramento, ampliando-os para o âmbito do letramento informacional:

Com efeito, a alfabetização vincula-se ao domínio básico do código da língua, abrangendo conhecimentos e destrezas variadas, como a memorização das convenções existentes entre letras/sons, a comparação entre palavras e significados, o conhecimento do alfabeto, o domínio do traçado das letras e a aprendizagem de instrumentos específicos como lápis, canetas, papéis, cadernos, computador. O letramento, por sua vez, envolve o conceito de alfabetização, transcendendo a decodificação para situações em que há o uso efetivo da língua nas práticas de interação, em um contexto específico. Por exemplo, o indivíduo lê um romance, executa uma receita, compreende a bula do medicamento, dentre outros. Pelo fato de a alfabetização e o letramento envolverem desde a decodificação de uma palavra até a leitura de uma obra, em um longo continuum, há referências a tipos e níveis de letramento, considerando, em qualquer situação, a experiência do indivíduo.

Dentro desse cenário de alfabetismo/letramento expõe-se a maneira como o Inaf conceitua os termos abordados na sua pesquisa e que *a posteriori* serão utilizados neste trabalho. São quatro níveis de alfabetismo, conforme se visualiza na Tabela 02:

Tabela 02: Níveis de alfabetismo:

	Níveis	Valor	Conceito
Analfabetos funcionais	Analfabetismo	1	Pessoas que não conseguem realizar tarefas simples que se relacionam com leitura, mesmo que possam decodificar números familiares.
	Nível Rudimentar	2	Pessoa capaz de encontrar em textos simples as informações que foram solicitadas, fazer operações simples, consegue manusear dinheiro para pagar pequenas contas ou utilizar a fita métrica.
Alfabetizados Funcionalmente	Nível Básico	3	Funcionalmente alfabetizadas. Leem e compreendem textos médios, realizam pequenas inferências, leem números mais extensos, entre outros.
	Nível Pleno	4	Estas pessoas não apresentam mais nenhum tipo de restrições para compreender e interpretar textos. Fazem comparações, avaliações, inferências e sínteses. Resolvem problemas mais complexos (matemática).

Fonte: Adaptado de Inaf (Indicador de Alfabetismo Funcional).

O Inaf enreda analfabetismo e nível rudimentar em analfabetos funcionais e nível básico e pleno em alfabetizados funcionalmente.

3 ALFABETIZAÇÃO

Ribeiro, et. al. (2002); Soares (2004) e Batista (2006) afirmam que a alfabetização pode ser compreendida na sua forma estrita como o processo de apropriação da leitura e da escrita. Na leitura, é compreendida como a capacidade de decodificar as palavras (sinais gráficos) e transformá-los em

sons e na escrita como a capacidade transformar os sons em sinais gráficos por meio da codificação (palavras).

Numa abordagem psicológica Cook-Gumperz (1991, p. 13) assevera que a alfabetização é:

[...] um conjunto multifacetado de habilidades instrumentais que envolvem processos cognitivos os quais operam na produção e compreensão de textos. Considera-se também este processamento cognitivo como subjacente ao conhecimento lingüístico necessário para descontextualizar desempenhos orais e apresentar uma prosa coerente, escrita ou falada. Contudo, as teorias lingüísticas e psicológicas sozinhas não conseguem explicar as condições sociais e ambientais essenciais para o aprendizado destas habilidades.

A mesma autora enfoca que essa complexidade em analisar a alfabetização apenas por um viés decorre principalmente pelo fato de que essa aprendizagem acontece num ambiente social com relações entre professor e alunos e entre os pares.

Mesmo com essa consciência de que a alfabetização se dá em um espaço inteiramente social com relações sociais Frago (1993, p. 24) aponta que:

A aprendizagem escolar da leitura – e da escrita – é, por tradição e hábito, de natureza individual. Realiza-se, além disso, sem ter em conta as habilidades comunicativas e lingüísticas não escritas ou não escolares que já se possuem e a partir de textos pré-elaborados e de escassa ou nula relação com a vida, cultura e interesses dos futuros leitores ou escritores.

O que Frago (1993) aponta é que ainda se dissocia o processo de alfabetização e letramento. O que é um equívoco, visto que eles acontecem de forma simultânea. Mesmo assim Soares (2003) aponta que é preciso que a alfabetização mantenha a sua especificidade. Para isso é preciso, pois, a desinvenção da alfabetização e posterior reinvenção.

Em síntese, o que se propõe é, em primeiro lugar, a necessidade de reconhecimento da especificidade da alfabetização [...]; em segundo lugar, e como decorrência, a importância de que a alfabetização se desenvolva num contexto de letramento. (SOARES, 2003, p. 16).

É preciso que os professores entendam que o estudante já está inserido em um contexto social de linguagem oral e escrita, ou seja, de letramento, antes mesmo de se alfabetizar, pois ele está inserido em um ambiente social antes de chegar à escola, na família, na igreja, na internet, nos grupos de

amizade, entre outros. Os métodos utilizados no processo de ensino-aprendizagem da alfabetização devem ser analisados e recriados constantemente em um cenário de tantas mudanças. Conforme aponta Gouveia e Orensztejn:

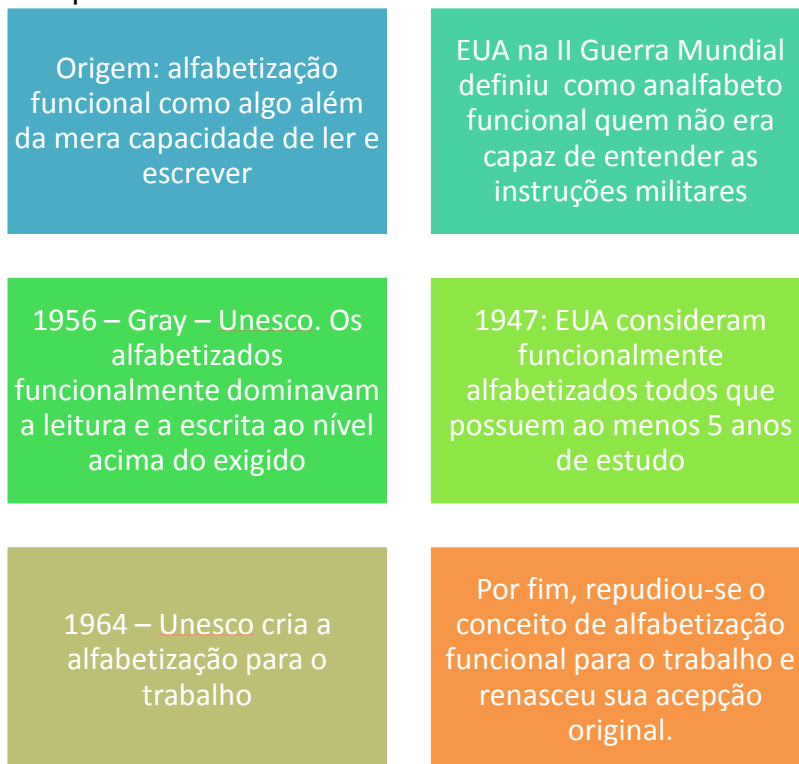
Criar um contexto de letramento na escola desde a Educação Infantil até a Educação de Jovens e Adultos é uma tarefa das mais importantes quando o objetivo é formar leitores e escritores desde o início do processo de alfabetização, que tem lugar muito antes de os alunos serem formalmente alfabetizados. (2006, p. 35).

4 ALFABETISMO E ANALFABETISMO FUNCIONAL

Em meados do Século XX, percebeu-se que o simples fato de estar alfabetizado, saber codificar e decodificar as palavras, não era requisito suficiente para ampliar as vivências do indivíduo em situações que demandavam pequenas inferências e interpretações, surgindo então o termo funcional, ou seja, dar função a determinada característica. Função, no dicionário online Aulete (2013) significa serventia, utilidade.

O termo alfabetismo e analfabetismo funcional tiveram, no decorrer de sua história, diferentes enfoques. É possível verificar isso pela Figura 02:

Figura 02: Enfoques do alfabetismo e analfabetismo funcional:



Fonte: Adaptado de Frago (1993).

A expressão funcional que vem agregada aos termos analfabetismo e alfabetismo e devido à mídia (internet, televisão, rádio, jornais) já está difundida em todo o Brasil. Mesmo que para Frago (1993) o termo alfabetização funcional não seja o mais adequado, ele mesmo coloca que, dentro de um contexto o indivíduo possa ser considerado alfabetizado em diferentes níveis “segundo o tipo de alfabetização a que nos referimos” (1993, p. 96).

Esses níveis de alfabetismo se devem ao fato de que a alfabetização não é estática, inerte, muito pelo contrário, é dinâmica e está em constante processo de transformação. Devido a isso, muitos autores costumam diferenciar os níveis de alfabetismo de acordo com algumas características do indivíduo. Para Batista (2006) a escola brasileira produz uma massa muito grande de analfabetos funcionais, ou seja, pessoas que mesmo sabendo ler e escrever não conseguem utilizar essa habilidade para satisfazer às exigências do aprendizado.

O alfabetismo funcional é um dos estágios da alfabetização. Mas o que significa essa funcionalidade?

Simplemente, quando faz uso dela, seja por razões econômicas (comércio), profissionais (escrivãos, clérigos, funcionários), ideológicas (proselitismo religioso ou político) ou de *status* (a posse de livros e o conhecimento da escrita como símbolo de distinção social entre aqueles que não necessitam dela econômica ou profissionalmente). Neste sentido, a funcionalidade ou disfuncionalidade da leitura e escrita é algo subjetivamente sentido por cada indivíduo ou grupo social concreto e sua evidência é, correlativamente, o uso ou desuso que se faz de alguma ou de ambas as habilidades. (FRAGO, 1993, p. 39).

Para o IBGE entende-se por analfabeto funcional a pessoa que tenha menos de quatro anos de escolaridade.

5 METODOLOGIA

A priori, verificou-se as bibliografias existentes sobre o tema abordado. A pesquisa bibliográfica é considerada por Lakatos (2007) como o princípio de qualquer pesquisa científica, onde se faz o levantamento do que já foi publicado. Neste trabalho utilizou-se de livros, revistas (artigos) e outras publicações.

A análise acerca dos significados e da paridade entre os termos abordados foi necessária para que o leitor pudesse compreender a relação existente entre os termos utilizados pelos estudiosos do tema e a pesquisa realizada pelo Inaf que foi a base das análises estatísticas desse trabalho.

O papel do método estatístico é, antes de tudo, fornecer uma descrição quantitativa da sociedade, considerada como um todo organizado. [...] No entanto, a estatística pode ser considerada mais do que apenas um meio de descrição racional; é, também, um método de experimentação e prova, pois é método de análise. (LAKATOS, p. 93).

Os dados utilizados na pesquisa são secundários, entendendo que “São considerados dados secundários aqueles já coletados que se encontram organizados em arquivos, banco de dados, anuários estatísticos, etc. [...]” (MARTINS, p. 26).

Os dados foram obtidos por meio de uma base de dados disponibilizada pelo Inaf (Indicador de Alfabetismo Funcional - 2011) com o objetivo de estudar o nível de alfabetismo e as demais variáveis que estão associadas a ele nos anos de 2007, 2009 e 2011. “Criado em 2001, o Inaf Brasil é realizado por meio de entrevista e teste cognitivo aplicado a partir de amostra nacional de 2000 pessoas representativa de brasileiros e brasileiras entre 15 e 64 anos de idade, residentes em zonas urbanas e rurais de todas as regiões do país.” (INAF, 2011, p. 3).

A necessidade de contar com informações confiáveis para enfrentar esses desafios é que motivou a criação de um Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional. Seu objetivo é gerar informações que ajudem a dimensionar e compreender o problema, fomentem o debate público sobre ele e orientem a formulação de políticas educacionais e propostas pedagógicas. (RIBEIRO, 2002, p. 53).

Entre os anos de 2001 e 2006 o Inaf intercalava avaliações de Língua Portuguesa e Matemática. Já a partir de 2007 começou a realizar a pesquisa fazendo os levantamentos das disciplinas de forma concomitante, produzindo um indicador mais abrangente. Assim, decidiu-se utilizar os anos de 2007, 2009 e 2011, por possuírem o mesmo método avaliativo, esta semelhança será corroborada mais a frente por meio de uma análise gráfica dos respectivos anos.

A pesquisa, dos dados disponibilizados pelo Inaf, possui um intervalo de confiança de 95% e a margem de erro máxima estimada é de 2,2 pontos

percentuais para mais ou para menos no resultado da amostra. Para totalizar 100% seria necessário que essa margem de erro fosse de 2,5 pontos percentuais, que não estão descritos, ou foram emitidos da pesquisa do Inaf. Todo o planejamento amostral, a pesquisa e o processamento dos dados foram realizados por especialistas do IBOPE Inteligência, com o auxílio da Ação Educativa que atua no desenvolvimento dos instrumentos de medição de habilidades e interpretação dos resultados.

A *posteriori*, os dados foram tratados utilizando o software livre R 3.0.1 (R Core Team 2013). Os dados originais estavam em um banco de dados, após eles foram tratados com a aplicação das fórmulas do Coeficiente de Spearman e Contingência C, depois se chegou a um resultado escalar (Tabela 3) para possibilitar as análises e conclusões.

Com relação ao tratamento dos dados, é possível separá-los nos seguintes passos:

1º passo: os dados em escala ordinal foram analisados aplicando-se a fórmula do Coeficiente de Correlação por Posto-Ordem de Spearman. “Ele é uma medida de associação entre duas variáveis que requer que ambas as variáveis sejam medidas pelo menos em uma escala ordinal, de modo que os objetos ou indivíduos em estudo possam ser dispostos em postos em duas séries ordenadas”. (SIEGEL, 2006, p. 266).

$$r_s = 1 - \frac{6 \sum_{i=1}^N d_i^2}{N^3 - N}$$

O valor encontrado no resultado da fórmula variou entre -1 e 1, conhecido como r_s ou Rho. De acordo com Callegari-Jacques (2003) a escala para análise qualitativa de r é disposta conforme colocado na Tabela 03:

Tabela 03: Níveis de correlação.

$ r $	Grau de correlação
0	Nulo
0 0,3	Fraco
0,3 0,6	Regular
0,6 0,9	Forte
0,9 1	Muito forte
1	Pleno ou perfeito

Fonte: Adaptado de Callegari-Jacques (2003).

2º passo: para testar o efeito da significância de r_s , isto é, verificar se a estimativa encontrada pelo tal é representativa da população, e não foi encontrado ao acaso, foi realizado um teste de hipóteses. Foi definida a hipótese nula como: “não existe associação entre as variáveis Inaf combinado e demais variáveis (nível de leitura; hábito de leitura; opinião pública; grau de instrução do chefe da família; grau de escolaridade do pai; grau de escolaridade da mãe; classe agrupada; idade; uso da calculadora; uso do computador, nenhum destes; sexo)”, contra a hipótese alternativa H_1 : “existe associação positiva entre as variáveis”. Ou, em outros casos, devido ao fato das variáveis apresentarem ordenações diferentes, H_1 : “existe associação negativa entre as variáveis”. Testou-se sempre a hipótese em relação a uma alternativa unilateral, devido ao fato das variáveis apresentarem ordenações diferentes. Para a realização do cálculo de r_s e o teste da sua significância, fez-se uso do software R com a função `cor.test()` do pacote `stats`. Como saída do teste, foi mostrado o p-valor (Probabilidade de Significância) e para a rejeição da hipótese nula foi considerado p-valor menor do que 0,05.

3º passo: Para as variáveis em estudo que apresentaram escala nominal e não ordinal, utilizou-se, conforme CONOVER (1971), o coeficiente de contingência C para medir o grau de associação entre alfabetismo e o uso de calculadora, uso do computador, o não uso de quaisquer equipamentos e o gênero. Para seu cálculo foi necessário que uma ou ambas as variáveis fossem medidas em escala nominal. Quanto mais próximo de 0, indica inexistência de associação, porém nunca será igual à 1 (CONOVER, 1971). A fórmula de cálculo é dada por:

$$C = \sqrt{\frac{\chi^2}{N + \chi^2}}$$

Onde χ^2 é o valor da estatística Qui-Quadrado e N é o tamanho total da amostra. E o valor máximo desse coeficiente é dado por:

$$\sqrt{\frac{q-1}{q}}$$

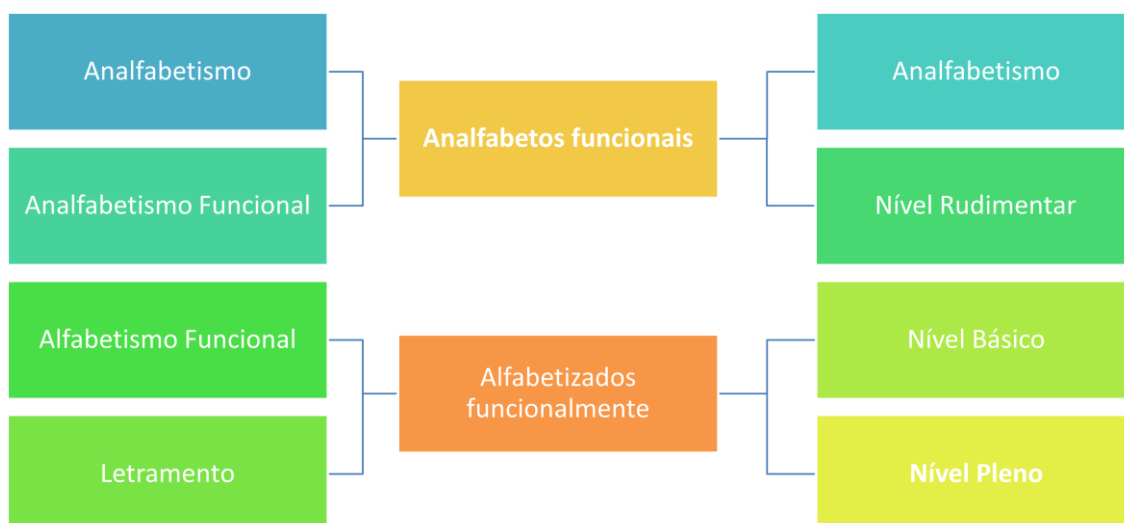
Onde q é o numeral mínimo entre o número de linhas e de colunas da tabela, e no caso das variáveis estudadas, para todas elas, encontrou-se como

valor máximo de $C=0,7071$, ou seja, esse coeficiente irá variar de 0 a 0,7071. Para testar a significância do coeficiente de contingência C é utilizado o p-valor do χ^2 , adotando os mesmos critérios no caso do Spearman. Para cálculo do p-valor utilizou-se a função *chisq.test()* do pacote *stats* e para o cálculo de C , foi inserida tal função.

6 RESULTADOS

A figura 03 sintetiza os resultados sobre o processo de alfabetização. É possível visualizar as semelhanças entre as nomenclaturas utilizadas por diferentes autores e também por instituições de coleta, tratamento e análise de dados referentes à alfabetização no Brasil: Inaf.

Figura 03: Equivalência dos termos: da alfabetização ao letramento



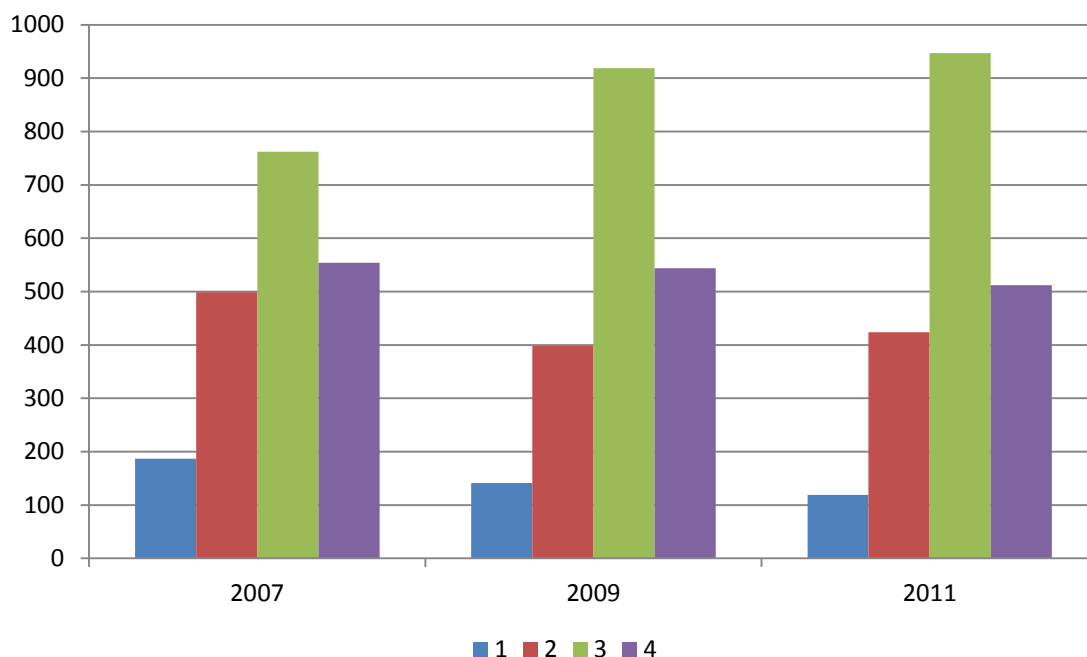
Fonte: Dos autores.

A figura 03 não busca reduzir as definições existentes, mas sim, comparar os conceitos já criados para facilitar a interpretação e análise dos dados existentes no Brasil. O Inaf (2011) atribuiu tais definições para o nível de alfabetização que ele se propõe investigar, porém isto não significa que as definições utilizadas pelos inúmeros autores sobre alfabetização estão indo de encontro a estes conceitos, pelo contrário, são extremamente semelhantes e podem ser, a título de pesquisa, equiparados.

Conforme a metodologia foram utilizados os três anos apresentados no gráfico 01, demonstrando de forma descritiva que entre os anos o Inaf combinado manteve o mesmo comportamento de resposta, independente dos indivíduos que representaram a amostra, mostrando que os anos analisados são semelhantes.

No gráfico apresentado o número 1 equivale aos analfabetos, comparando os três anos é possível perceber que eles se comportam de forma semelhante, ficando entre 10% e 20%. O número 2 corresponde ao nível rudimentar que também ficam aproximadamente entre 40% e 50%. As barras representadas pelo número 3, nível básico, ficaram entre 75% e 95%, mesmo com uma diferença percentual maior, existe uma tendência de crescimento ano a ano. O nível pleno (número 4) ficou entre 50% e 60%. É possível verificar que não houve uma variação expressiva entre os anos estudados. Este gráfico corrobora os próximos resultados apresentados de que os anos são semelhantes.

Gráfico 01: Análise do Inaf combinado de 2007 a 2011.



Fonte: Da pesquisa.

As variáveis para este estudo foram classificadas e descritas como:

a) Nível de leitura: Autoavaliação da pessoa quanto à capacidade de leitura, sendo: 1 – incapaz de ler; 2 – lê com grande dificuldade; 3 – lê com alguma dificuldade; 4 – não tem dificuldade para ler;

- b) Hábito de leitura, sendo 1 – gosta muito de ler; 2 – gosta um pouco de ler; 3 – não gosta de ler;
- c) Opinião pública: o que o entrevistado acha sobre a educação básica pública no Brasil, sendo: 11 – ótima; 12 – boa; 13 – regular; 14 – ruim; 15 péssima.
- d) Grau de instrução do chefe da família: 0 – analfabeto; 1 – primário completo; 2 – ginásial completo; 3 – colegial completo e 4 – superior completo;
- e) O grau de escolaridade do pai e da mãe possuem as mesmas categorias: 1 – nenhuma; 2 – menos da 4ª série; 3 – fundamental incompleto; 4 – fundamental completo; 5 – médio incompleto; 6 – médio completo; 7 – superior incompleto; 8 – superior completo;
- f) Classe agrupada: 4 – classe A/B; 5 – classe C; 7 - classe D/E. Classificação de acordo com o Critério Brasil.
- g) Idade real do indivíduo.
- h) Calculadora: 1 – Usa ; 0 – Não usa;
- i) Computador: 1 – Usa; 0 – Não usa;
- j) Nenhum Destes: Faz referência a uma série de equipamentos utilizados no dia-a-dia (relógio, metros, régua, balanças, termômetro, vasilha graduada, calculadora, máquina registradora, computador, fax, terminal de leitura óptica, fotocopiadora). Um (1) – Não usa nenhum dos equipamentos eletrônicos; 0 – Usa algum dos equipamentos eletrônicos mencionados acima.

Na tabela 04 se encontram os resultados da correlação entre o índice alfabetismo com as variáveis *a* à *g*, que foram analisadas pelo método de Spearman, que é utilizado quando se dispõe de anos intervalares.

Tabela 04: Resultados dos coeficientes de correlação por posto-ordem de Spearman:

Coeficiente de Correlação de Spearman (r_s)				
Variável	2007	2009	2011	Todos os Anos
Nível de Leitura	0.5953	0.5645	0.5422	0.5678
Hábito de Leitura	-0.4140	X	X	-
Opinião Pública	0.1631	X	X	-
Grau de Instrução do Chefe da Família	0.5303	0.4819	X	0.5089
Grau de Escolaridade do Pai	0.4447	0.4362	0.4405	0.4403
Grau de Escolaridade da Mãe	0.4493	0.4321	0.4274	0.4362
Classe Agrupada	-0.4565	-0.4562	X	-0.4597
Idade	-0.3236	-0.3074	-0.3367	-0.3212

Fonte: Os autores.

*X = Não existem dados para a variável e ano referentes.

Na tabela 05 é apresentado o resultado do p-valor referente ao Teste de Significância da Tabela 04:

Tabela 05: Resultados do p-valor para o teste de significância de r_s

P-valor do teste de significância de r_s				
Variável	2007	2009	2011	Todos os Anos
Nível de Leitura	$< 2,2e^{-16}$	$< 2,2e^{-16}$	$< 2,2e^{-16}$	$< 2,2e^{-16}$
Hábito de Leitura	$< 2,2e^{-16}$	X	X	-
Opinião Pública	$1,421e^{-13}$	X	X	-
Grau de Instrução do Chefe da Família	$< 2,2e^{-16}$	$< 2,2e^{-16}$	X	$< 2,2e^{-16}$
Grau de Escolaridade do Pai	$< 2,2e^{-16}$	$< 2,2e^{-16}$	$< 2,2e^{-16}$	$< 2,2e^{-16}$
Grau de Escolaridade da Mãe	$< 2,2e^{-16}$	$< 2,2e^{-16}$	$< 2,2e^{-16}$	$< 2,2e^{-16}$
Classe Agrupada	$< 2,2e^{-16}$	$< 2,2e^{-16}$	X	$< 2,2e^{-16}$
Idade	$< 2,2e^{-16}$	$< 2,2e^{-16}$	$< 2,2e^{-16}$	$< 2,2e^{-16}$

Fonte: Os autores.

*X = Não existe os dados para a variável e ano referentes.

A tabela 05 apresenta os resultados do Teste de Significância dos resultados da tabela 04. A partir destes resultados rejeita-se a hipótese nula de que não existe associação entre a variável Inaf combinado e demais variáveis apresentadas na Tabela 04 e aceita-se a hipótese alternativa de que existe associação entre a variável Inaf combinado e demais variáveis apresentadas na Tabela 04. A rejeição da hipótese nula e aceitação da hipótese alternativa devem-se ao fato dos resultados de p-valor serem menores que 0,05.

Após visualizar os resultados da associação entre as variáveis ordinais, a Tabela 06 apresenta os resultados do índice de contingência C com as variáveis h , i e j , com a finalidade de demonstrar o índice de associação entre elas e o alfabetismo.

Tabela 06: Resultados do Coeficiente de Contingência C:

Coeficiente de Contingência C				
Variável	2007	2009	2011	Todos os Anos
Calculadora	0.3605	0.3850	X	0.3605
Computador	0.4118	0.4394	X	0.4231
Nenhum Destes	0.3068	0.3814	X	0.3342
Sexo	0.0372	0.0338	0.0227	0.0251

Fonte: Os autores.

*X = Não existem dados para a variável e ano referentes.

Na tabela 07 é apresentado o p-valor do teste de significância do Coeficiente de Contingência C, referente à Tabela 06:

Tabela 07: Resultados do p-valor para o teste de significância do Coeficiente de Contingência C:

Coeficiente de Contingência C				
Variável	2007	2009	2011	Todos os Anos
Calculadora	$2,4433e^{-56}$	$3,4137e^{-77}$	X	$2,4081e^{-130}$
Computador	$2,5929e^{-90}$	$1,6050e^{-105}$	X	$5,7359e^{-191}$
Nenhum Destes	$7,8885e^{-47}$	$1,5081e^{-75}$	X	$8,4094e^{-111}$
Sexo	0,4285	0,5140	0,7944	0,2846

Fonte: Os autores.

*X = Não existe os dados para a variável e ano referentes.

A partir dos resultados rejeita-se a hipótese nula de que não existe associação entre a variável Inaf combinado e demais variáveis nominais apresentadas na Tabela 06 e aceita-se a hipótese alternativa de que existe associação entre a variável Inaf combinado e demais variáveis apresentadas na Tabela 06. Com exceção da variável sexo, em que se aceita a hipótese nula de que não existe associação entre esta e o Inaf combinado. A hipótese nula foi aceita, pois o valor de p-valor ficou acima de 0,05 para a variável sexo. Para as demais variáveis o p-valor ficou abaixo de 0,05, logo a hipótese nula foi rejeitada e aceitou-se a hipótese alternativa.

Para todas as variáveis e seus resultados, faz-se necessário analisar somente a coluna “Todos os Anos” pelo fato de não apresentar diferença entre os anos, podendo até ter a mesma interpretação de uma média.

7 CONCLUSÕES

Verificou-se neste estudo que não existe processo de letramento sem alfabetização, nem processo de alfabetização sem letramento. É essencial entender que eles acontecem de forma concomitante, não excludente, ou seja, tanto o letramento quanto a alfabetização são processos contínuos, não sendo findos em si mesmos. Quando uma criança começa o processo de alfabetização ela já possui algum tipo de contato com a língua e, portanto, já possui um contexto social de letramento. Em contraponto a essa situação, pode-se exemplificar com uma pessoa que possui nível superior, entende-se

que já é uma pessoa letrada, porém se for cursar mais um estágio de formação terá que continuar o seu processo de alfabetização, pois estará inserida em um novo contexto, com novos léxicos.

Quanto mais o indivíduo necessita da apropriação da alfabetização (aprender a leitura e a escrita), menor serão as suas opções de convívio social por meio desta, logo, menor será seu contexto de letramento. Quanto mais alfabetizado, maior a sua gama de letramento, tão logo, o processo de alfabetização se tornará ínfimo (mesmo que não acabe jamais).

Analisando-se a figura 03 (presente nos resultados) conclui-se que existe uma grande semelhança nas definições das nomenclaturas apresentadas neste trabalho e que são utilizadas no que tange o processo de alfabetização e letramento. É possível visualizar que o primeiro estágio da alfabetização, analfabetismo, é o mesmo em ambos os lados. Os termos analfabetismo funcional e rudimentar possuem características semelhantes, pois caracterizam uma pessoa com um nível de alfabetização extremamente baixo, que conseguem realizar poucas práticas sociais rudimentares, como pagar uma conta.

Os próximos termos: alfabetismo funcional e nível básico também são equivalentes, pois caracterizam pessoas que utilizam a leitura e a escrita na sua vida social.

E, por fim, o letramento e o nível pleno que também podem ser considerados pares, pois nesse nível a pessoa não apresenta mais restrições quanto ao entendimento, interpretação, compreensão e análise que envolva a leitura e a escrita.

Com relação aos dados apresentados na Tabela 04 conclui-se que a relação entre a variável alfabetismo e as demais é positiva regular (entre 0,3 e 0,6) quando relacionada ao:

- a) nível de leitura: significando que, quando uma pessoa avalia ser incapaz de ler está moderadamente associado ao fato de ela ser analfabeta e assim sucessivamente.
- b) grau de instrução do chefe da família: que a associação entre um maior grau de instrução do chefe da família é relacionada a um maior nível de alfabetismo.
- c) grau de escolaridade do pai e da mãe: Também verificou-se uma relação moderada entre essas variáveis. Sendo positiva, conclui-se que quanto maior a

escolaridade dos pais, mesmo que de forma regular, também será maior o nível de alfabetismo dos filhos.

A relação se torna negativa regular (entre -0,6 e -0,3) quando associada ao:

a) hábito de leitura: essa associação é negativa, pois levando em conta a ordenação dos itens é possível concluir que quanto mais uma pessoa gosta de ler, tanto maior é seu nível de alfabetismo.

b) classe agrupada: Quanto menor a classe social do indivíduo, menor é o nível de alfabetismo, e assim sucessivamente.

c) idade: o fator idade tem pouca associação com o alfabetismo. O resultado encontrado está próximo ao limite inferior, sendo quase uma correlação fraca, mas que existe uma tendência onde pessoas mais velhas possuem um menor grau de alfabetismo.

Verificou-se uma fraca relação positiva de 0,1631 entre o alfabetismo e a opinião pública, isso significa que o índice de alfabetismo está fracamente associado a avaliação que os entrevistados têm sobre a educação no Brasil.

A respeito da análise das variáveis nominais apresentadas na Tabela 06 e Tabela 07 pode-se concluir que:

a) Computador: Quanto maior é o uso do entrevistado ao computador, melhor o nível do alfabetismo dele.

b) Calculadora: Quanto maior o uso do entrevistado a calculadora, maior o nível do alfabetismo.

c) Nenhum Destes: Quando o entrevistado não usou nenhum dos equipamentos mencionados, revela-se que tiveram um desempenho pior do que aqueles que utilizam pelo menos um equipamento.

Conclui-se também que o sexo do indivíduo não interfere no desempenho do entrevistado, pois apresenta o coeficiente C próximo à 0, de 0,0251.

Diante destas análises corrobora-se a teoria apresentada quanto ao processo de alfabetização e letramento. O nível de alfabetismo de um indivíduo está associado a situações do cotidiano de convívio social, ou seja, quanto maior a apropriação da alfabetização tanto maior será o uso desta na vida social, ou seja, de letramento.

Como exemplo, pode-se citar o hábito de leitura: quanto maior o nível de alfabetismo também é maior o hábito de leitura, logo, tão maior será a capacidade do indivíduo de argumentar na sua vida social e interagir em diferentes esferas.

Por fim, observa-se que a maioria das combinações obteve correlação moderada entre 0,3 e 0,6 e que esse trabalho pode servir como base para melhorias nos métodos utilizados em instituições de ensino e outras, pois atividades como o incentivo à leitura, ao estudo e construção de laboratórios devem conduzir o indivíduo a um melhor nível de alfabetização e consequente letramento.

Pelo fato de não encontrar nenhuma correlação com nível a partir de 0,6001, ou seja, forte, sugere-se para estudos futuros que seja feito um aprofundamento da análise com outras variáveis como região, número de filhos que não estão contempladas neste momento para verificar se existem outros fatores que interferem de forma mais pontual no alfabetismo, como por exemplo, o estado de residência do indivíduo, dado que a pesquisa é de âmbito nacional.

REFERÊNCIAS

BATISTA, A. A. G. **Alfabetização, leitura e escrita**. In: CARVALHO, M. A. F. DE.; MENDONÇA, R. H. (orgs). Práticas de leitura e escrita. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

CALLEGARI-JACQUES, Sidia M. **Bioestatística: princípios e aplicações**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

CALDAS, AULETE. Dicionário online. Disponível em: <http://aulete.uol.com.br>. Acesso em: 20 de agosto de 2013.

CARVALHO, M. A. F. DE.; MENDONÇA, R. H. (orgs). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

CONOVER, W.J. **Practical nonparametric statistics**. John Wiley & Sons. 1971.

COOK-GUMPERZ, Jenny. **A construção social da alfabetização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FRAGO, Antonio Viñao. **Alfabetização na sociedade e na história: vozes, palavras e textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GASQUE, K. C. G. D. **Letramento Informacional: pesquisa, reflexão e aprendizagem**. Brasília: Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2012.

GOUVEIA, B.; ORENSZTEJN, M. **Alfabetizar em contextos de letramento**. In: CARVALHO, M. A. F. DE.; MENDONÇA, R. H. (orgs). Práticas de leitura e escrita. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

INAF BRASIL 2011. **Indicador de Alfabetismo Funcional: principais resultados**. São Paulo: 2011. 18 p.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. / Marina de Andrade Marconi; Eva Maria Lakatos. 7 Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica** / Eva Maria Lakatos, Marina de Andrade Marconi. 5 Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estatística geral e aplicada**. 3 Ed. São Paulo: Atlas, 2006.

R CORE TEAM. **R: A Language and Environment for Statistical Computing**. R Foundation For Statistical Computing, Vienna, Austria. ISBN 3-900051-07-0, Disponível em: <http://www.r-project.org/>. Acesso em: 04 de julho de 2013.

RIBEIRO, V. M.; VÓVIO, C. L.; MOURA, M. P. **Letramento no Brasil**: alguns resultados do indicador nacional de alfabetismo funcional. Campinas: Educ. Soc. Vol. 23, n. 81, p. 49-70, 2002.

SIEGEL, Sidney; CASTELLAN, N. John. **Estatística não-paramétrica para Ciências do Comportamento**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 448p.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação, nº 25, 2004, p. 05-16.

VAL, M. G. C. **O que é ser alfabetizado e letrado?** In: CARVALHO, M. A. F. DE.; MENDONÇA, R. H. (orgs). Práticas de leitura e escrita. Brasília: Ministério da Educação, 2006.